

MOVIMENTO DE SANKOFA: UMA NOVA ABORDAGEM DE ANÁLISE DA LITERATURA NEGRA

SANKOFA MOVEMENT: A NEW APPROACH TO ANALYZING BLACK LITERATURE

Dossiê:

Literatura negra e indígena no Brasil:
oralidades, ancestralidades, resistências



ORGANIZADORES:

Dr. Paulo Petronílio Petrot



Dr. Pedro Mandagará



Dr^a. Luciana Borges



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 33, n. 65, ago. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 31/05/2024

Aceito em: 16/06/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Lilian Barros Gomes  

UnB | lilianbarros@unb.br

Adriana Alexandrino
de Fátima Lima Barbosa  

UnB | adrianaalexandrino16@gmail.com

Resumo/Abstract

O Movimento de Sankofa é uma estratégia essencial para a população negra lidar com as consequências do racismo e do colonialismo, buscando resgatar a identidade pessoal e coletiva perdidas. Este estudo destaca a importância da literatura negra, especialmente a escrita por mulheres, que conecta ancestralidades e constrói narrativas representativas. Para isso, dialogamos com a visão de tempo espiralar de Leda Maria Martins, que oferece uma visão alternativa da temporalidade, permitindo acessar passado, presente e futuro simultaneamente, diferindo da visão linear ocidental. Isso viabiliza o resgate da literatura negra, crucial para a transformação positiva da realidade negra, desafiando a hegemonia cultural anglo-europeia e valorizando a diversidade cultural e epistemológica.

Palavras-chave: movimento de Sankofa, ancestralidade, literatura negra, tempo espiralar.

The Sankofa Movement is an essential strategy for the black population to deal with the consequences of racism and colonialism, seeking to reclaim lost personal and collective identity. This study highlights the importance of black literature, especially that written by women, which connects ancestries and constructs representative narratives. To this end, we engage with Leda Maria Martins' concept of spiral time, which offers an alternative view of temporality, allowing access to the past, present, and future simultaneously, differing from the Western linear view. This enables the recovery of black literature, crucial for the positive transformation of black reality, challenging anglo-european cultural hegemony and valuing cultural and epistemological diversity.

Keywords: Sankofa Movement, ancestry, black literature, spiral time.

INTRODUÇÃO

Nas produções literárias, encontramos noções que vão além da estética, das imagens e das histórias presentes no cânone, que geralmente foca na narrativa eurocêntrica e exclui outras possibilidades de literatura, especialmente as produções negras e indígenas. Este estudo propõe o Movimento de Sankofa como um dispositivo de leitura e análise que nos permite explorar um arcabouço cultural e epistemológico diverso. Dessa forma, podemos acessar imaginários que possam ir além da perspectiva anglo-europeia, valorizando a pluriversalidade e a riqueza das diversas culturas que nos cercam mediante uma balança justa, que não dá centralidade para uma cultura em específico em detrimento de outras.

O CONCEITO DE MOVIMENTO DE SANKOFA

Em “Memórias da Plantação”, ao abordar as engrenagens do que denomina por racismo cotidiano, Grada Kilomba (2019) afirma que as entrevistadas Alicia e Kathleen sofrem as consequências de um passado centrado a partir da perda e da fragmentação. Para lidar com isso atualmente, assim como elas, pessoas negras adotam estratégias de sobrevivência que levam à repressão da memória relacionada a episódios dolorosos proporcionados pelo racismo cotidiano. Como população negra, devido à falta de ferramentas eficientes para a construção de nossa identidade pessoal e coletiva, somos submetidos a

um ritual branco de conquista colonial, pois elas sentem que estão sendo invadidas como um pedaço de terra. Seus corpos são explorados como continentes, suas histórias recebem novos nomes, suas línguas mudam; e, acima de tudo, elas se veem sendo moldadas por fantasias invasivas de subordinação. Por um momento, elas se tornam colônias metafóricas.
(KILOMBA, 2019, p. 146)

Segundo Kilomba, essa é uma estratégia eficiente, pois mantém o sujeito negro preso em um ciclo em que sempre estará sujeito a reviver um passado colonial:

Enquanto o sujeito branco reencena o passado, o presente é proibido ao sujeito negro. Essa é a função do racismo cotidiano: reestabelecer uma ordem colonial perdida, mas que pode ser revivida no momento em que o sujeito negro é colocado novamente como a/o “Outro/a”.
(KILOMBA, 2019, p. 146)

Em contexto de América Latina e Brasil, Aza Njeri (2020) complementa esse debate apoiando-se no conceito de *Maafa*, desenvolvido por Marimba Ani (1994), antropóloga e especialista em estudos da África. *Maafa* trata-se de um fenômeno de poder que acomete a população negra africana continental e, em especial, a diaspórica. Esse fenômeno impõe o modelo de civilização europeu sem respeitar cultura, território e temporalidade, afetando o entendimento do negro sobre sua localidade e agência de seu próprio destino desde o início da invasão do continente africano (ANI, 1994). Contudo, em sua pesquisa, o foco de Marimba Ani é na diáspora africana norte-americana, ao passo que o foco de Aza Njeri (2020) é na diáspora afro-brasileira.

Nesse sentido, a fim de exemplificar melhor esse fenômeno levando em consideração a localidade geográfica, Njeri também nomeia *Maafa* como um Estado de Desgraça Coletiva, o qual toda população negra brasileira está sujeita a vivenciar, desde o início, os processos de sequestro e de escravização dos corpos negros para o território hoje denominado brasileiro. Tendo em vista que, em diáspora, o racismo é estrutural e estruturante Nascimento (2016), Almeida (2018), atualmente, a população negra segue experienciando essa desgraça coletiva mediante os múltiplos tentáculos que compõem o genocídio de seu povo.

Um exemplo emblemático disso é o nutrídio, o qual acontece por via alimentar e não necessariamente pelo derramamento de sangue seguido de morte, como ocorre frequentemente em casos de violência policial. Logo, vivemos em Estado de *Maafa*, ou seja: na diáspora brasileira, estamos sujeitos a experienciar nossas vivências submetidas a esses atravessamentos constantes desse fenômeno de poder.

Tendo em vista os fatos apontados, não é possível esperar uma humanidade solar na qual um futuro em que estejamos bem e vivos é uma possibilidade palpável - sem a subordinação de uma ameaça constante advinda da herança maldita colonial - sem questionar o maior agente responsável por impedir que isso aconteça. Em conformidade com o que aponta Aza Njeri (2020), essa é mais uma maneira de questionar o modelo civilizatório ocidental. Dessa forma, e tendo essa consciência, é possível pensar no que nomeamos como Movimento de Sankofa. Como veremos adiante, fazer um retorno ao verdadeiro passado é uma estratégia fundamental para que seja possível vivenciar um presente e esperar um futuro melhor - todos ligados, de maneira contínua, pela circularidade temporal.

Não obstante, defendemos que, para isso, é imprescindível colocar em prática estratégias para interromper esse ciclo. A primeira delas consiste em adquirir letramento racial a fim de compreender todos os processos os quais estamos sujeitos para, em seguida, pensar em estratégias para mudança ou, no melhor dos cenários, resolução das inúmeras problemáticas nas quais estamos inseridos, vide o racismo cotidiano, resquício preponderante do colonialismo.

Seguidamente, é preciso romper com a geopolítica do conhecimento que cria relações de hierarquia de centro e periferia, colocando as perspectivas anglo-europeias como centro e todas as outras possibilidades que integram outras localidades na periferia. Essa é a principal razão pela qual somos críticos ao termo literatura periférica quando alguns críticos literários fazem uso dele para se referir a determinados grupos de escritores negros. Compreendendo que pressupõem a existência de uma literatura às margens, qual seria o centro? Ele está seguindo qual agenda? Uma saída para essa problemática seria ir ao encontro de uma visão de mundo pluriversal.

A pluriversalidade é um conceito defendido pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2011). De acordo com ele, ao interpretarmos as relações entre os conhecimentos de forma horizontal, torna-se possível romper com a concepção de universalidade, que é justamente responsável por manter uma ideia hierárquica, na qual um conhecimento único, pressuposto como superior - o anglo-europeu -, coloca automaticamente os demais conhecimentos não-brancos como inferiores. Dessa forma, adotar a pluriversalidade do conhecimento possibilita um resgate do nosso passado e, conseqüentemente, de toda a humanidade, uma vez que a centralidade passa a ser compreendida como múltipla (RAMOSE, 2011). Assim, a pluralidade de universos epistêmicos permite um resgate mais eficiente do passado, considerando que várias esferas do conhecimento emergem e adquirem importância por meio de uma balança justa. Podemos, então, discorrer, refletir e vivenciar sobre o que entendemos por Movimento de Sankofa.

O Movimento de Sankofa refere-se à necessidade de resgatar e reconectar-se com o passado, em especial com a ancestralidade e os conhecimentos culturais africanos, para informar e moldar de maneira mais completa o presente e o futuro. Essa abordagem, em consonância com a pluriversalidade, busca superar a hegemonia cultural anglo-europeia e estabelecer uma compreensão mais equitativa e diversificada dos conhecimentos. Sankofa implica uma jornada de retorno às raízes, uma valorização das diversas perspectivas culturais e a construção de narrativas mais autênticas e inclusivas. Essa prática, que também pode ser entendida como um dispositivo de escrita, leitura e expressão artística, visa quebrar o ciclo de opressão e marginalização, proporcionando uma base mais sólida para a construção de identidades individuais e coletivas.

Levando isso em consideração, acreditamos ser interessante começar pela origem do termo. Sankofa é originário da língua twi ou axante, pertencente aos povos Akan, que se encontram na África Ocidental, mais especificamente em Gana e parte da Costa do Marfim. Morfologicamente, a palavra é formada pelos seguintes elementos: “*san*”, que se traduz como “retornar” ou “para retomar”; “*ko*”, que significa “ir”; e “*fa*”, que quer dizer “buscar” ou “procurar”. Assim, a tradução de Sankofa pode ser entendida como “volte e pegue”.

Segundo o professor E. Ablade Glove (1969), Sankofa é um ideograma adinkra que carrega o seguinte preceito filosófico: “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás”, derivado do provérbio dos povos Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki”. Em termos mais aprofundados, “significa voltar às raízes e construir sobre elas o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade, em todos os aspectos da realização humana” (GLOVER, 1969 *apud* NASCIMENTO, 2008, p. 31). Portanto, alinhando-se com a semântica da tradução.

Em complementaridade, a escritora e estudiosa literária Lu Ain-Zaila afirma que Sankofa consiste em

um termo que pode ser visto como uma analogia léxica que contempla uma noção de resgate estrutural de intelectualidade afrocentrada [...] um exemplo em si de um modo de pensar e expressar a sua raiz africana em meio à cultura ocidental em que está inserido, na qual a sua base ancestral é desconsiderada em termos plenos de identidade. (ERNESTO, 2018, p. 12)

Graficamente, esse ideograma adinkra pode ser representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, por vezes, acompanhado de um coração mítico.

Figura 1. Ideogramas sankofa



Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8a/SakofaTime2.jpg> Acesso em: 25 ago. 2024.

Caracterizando-se como um dos símbolos adinkras mais famosos, o pássaro mantém seus pés firmemente apoiados no chão, enquanto gira sua cabeça para trás e segura um ovo com o bico. Esse ovo simboliza o passado, ilustrando que o pássaro avança para direção do futuro, sem deixar para trás as suas origens ancestrais.

A motivação de trabalhar com esse conceito nasceu das nossas reflexões sobre qual seria o elo temporal que liga escritores negros de grande relevância para a literatura brasileira. Inicialmente, procuramos ponderar sobre quais as razões que afastaram esses autores de sua integração ao cânone. Logo em seguida, pensamos a respeito do recorte que era preciso realizar, visto que possuímos uma abundância de escritores/as negros/as em todo território brasileiro e amefricano que merecem destaque. Tendo em vista que o nosso intuito principal é abordar a necessidade do resgate de saberes historicamente apagados ou silenciados.

RESGATE DA LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA

As mulheres afropindorâmicas são as responsáveis pela fonte primária que originou toda a humanidade. Rainhas da sabedoria e mestres da manutenção de tradições, as mulheres negras foram gestoras das sociedades mais justas e bem sucedidas desde os tempos imemoriais sem que fosse necessário dominar, torturar e subjugar outros povos. Elas são a representação da força matriarcal que corre nas veias de todos os negros africanos e afrodiáspóricos, gestando as nossas origens. Por conseguinte, ler, consumir e trabalhar com as literaturas de mulheres negras é respeitar esse legado ancestral para que seja possível demonstrar o elo inquebrável construído através das vozes dessas

mulheres, pioneiras no pensar, viver, agir e ser pluriversal. Sendo assim, ao levar em conta esses aspectos, é possível promover mais visibilidade e circulação das literaturas produzidas por escritoras negras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lu Ainzaila, Eliana Alves Cruz e Cristiane Sobral, por exemplo.

Ter um contato direto com as produções literárias negras resulta em grande fascínio por tudo que diz respeito a elas, nas suas mais variadas formas e manifestações, sobretudo para a população negra. No entanto, uma barreira que encontramos, na condição de profissionais de letras com ênfase em literatura, é a dificuldade de achar um arcabouço teórico correspondente, visto que considerável parte da bibliografia que, até então, tinha-se acesso durante os cursos de graduação se apresentava insuficiente para abraçar tudo o que é transmitido através das palavras, repletas de escrituras¹ e oralituras², na escrita afropindorâmica³. Isso ocorre porque a agenda educacional, política, cultural, espiritual e de tomada de poder normalmente não contempla as produções não brancas.

Ao contrário do que ocorre com a literatura negra e indígena historicamente, na literatura canônica e brancocêntrica, carro-chefe da indústria cultural, nos deparamos com esse cenário consolidado, por isso a dificuldade em encontrar referências que sejam correspondentes ao que é transmitido nas produções de autoria negra. Logo, para que esse cenário mude, consideramos mais que necessário realizar um movimento de resgate de todo arcabouço de conhecimentos que foram perdidos ou apagados ao longo dos últimos séculos.

No campo literário, os escritores negros, há séculos, têm realizado esse esforço, registrando, letra por letra; palavra por palavra; gesto por gesto – pela oralitura (MARTINS, 2003) todo o legado que necessita ser preservado ao longo do tempo. Somente através do aprendizado com o passado é possível construir um presente para visualizar um futuro. Em razão de todos esses fatores, ao tomar conhecimento de toda profundidade que o símbolo sankofa carrega, consideramos que, por meio dele, há a possibilidade de resgatar o elo que une os(as) escritores(as), críticos(as) literários(as) e leitores(as) os quais têm uma origem étnico-racial em comum.

Através de sankofa é possível criar expectativas e projetar mudanças no meio literário. Não basta somente desmentir uma perspectiva que se impõe violentamente como única e superior, é preciso reconstruir o antes através do ponto de partida: a matriz africana. Ao realizar intencionalmente uma mudança no referencial teórico, a experiência histórica e cultural dos povos africanos e afrodiaspóricos é radicalmente transformada. Dando continuidade e movimento ao pensamento de Robin D. G. Kelley (2003) e guarnecida de uma trajetória relevante nas áreas de artes, cultura, produção, educação e escrita, Nathalia Grilo Cipriano, pesquisadora de culturas e tradições do continente africano e da diáspora, elucida essa necessidade a partir da Imaginação Radical Negra:

A imaginação radical negra é a habilidade experimental que permite a pessoas melanizadas a destreza para inaugurar mundos e alcançar futuros através de manifestações do agora. Fio de conduta por onde borbulhou, pela primeira vez, o olho d'água da humanidade, sua capacidade infinita tem por costume alterar destinos e reinterpretar códigos existenciais. Por carregar atributos daquilo que é sempiterno, essa força esfíngica se espraia no negrume do universo como uma espécie de viço ultra-dinâmico que tem por desejo nos orientar ao retorno, à condição preexistente, à mônada. A imaginação radical negra nos quer Vazio Vivo! (CIPRIANO, 2023)

Esse termo foi forjado por Robin D. G. Kelley em seu livro *Freedom dreams: the black radical imagination* (2003). De acordo com Kelley, os movimentos sociais e culturais proporcionam às

1 Conceito criado e desenvolvido por Conceição Evaristo em 1996. Segundo a crítica literária (2020), consiste no ato de escrita de mulheres negras como uma forma de apropriação dos signos gráficos, sem perder de vista a herança ancestral passada adiante através da tradição oral.

2 Termo cunhado por Leda Maria Martins em 2003, "oralitura" se fundamenta na performance da oralidade, integrando elementos da literatura oral e escrita. Nessa prática, o corpo e a voz se constituem como linguagem, rompendo com a dicotomia ocidentalizada entre escrita e fala.

3 Afropindorâmico é uma definição sugerida pelo pensador contracolonial Nego Bispo visando substituir o termo indígena, que foi nomeado e é empregado pelo colonizador. Com essa proposta, ele busca reconectar e resgatar o entendimento de que os grupos étnicos que compõem os povos originários são diversos.

peças a capacidade de se transportarem para lugares onde podem conceber uma realidade nova, abrindo caminho para a visualização de uma sociedade alternativa, livre dos resquícios do colonialismo e suas reverberações. A Imaginação Radical Negra tem sua gênese nos movimentos políticos e literários da diáspora africana no século XX.

Nesse sentido, ao trazer à luz esse debate, buscamos fazer uma contribuição sobre a relevância do Movimento de Sankofa para o resgate dos saberes africanos e afrodiáspóricos. Ação que dialoga com as pretensões dos escritores negros que, ao construírem suas obras, aspiram por análises literárias e olhos leitores que sejam capazes de ver e levar adiante as perspectivas de mundo transmitidas em suas produções literárias.

A literatura constitui-se como uma das portas que são capazes de nos conectar com nossa ancestralidade e instigam a possibilidade da existência da população afropindorâmica no futuro enquanto povo. Por isso, vemos no ideograma sankofa uma maneira de realizar a reconexão dos sujeitos negros e indígenas com o legado grandioso que os antecede. Interpretamos sankofa como uma ponte. Dessa forma, reestabelecer a importância dos símbolos adinkra é uma das maneiras de realizar essa ação de voltar e pegar de volta o que é valioso e ampliar o referencial teórico quanto à maneira de analisar uma obra literária que parta de uma visão de mundo não branca.

É preciso que os debates sobre isso sejam cada vez mais incentivados, pois o referencial teórico anglo-europeu não possui dispositivos que alcançam todos os elementos simbólicos, epistemológicos e estéticos de escritores que falam por meio de outra visão de mundo. A literatura brasileira sempre foi pluricultural e multiétnica. Logo, faz-se imprescindível que os espaços acadêmicos estejam preparados e em constante reformulação de conceitos e certezas para alcançar um olhar mais amplo e justo. O grande arcabouço de conhecimentos presentes na literatura suplica por isso.

Dialogando com essa necessidade, sankofa é capaz de englobar várias dimensões justamente por conta da abrangência do termo. Elisa Larkin Nascimento (2008) recorrendo a Glove (1969) aponta que os símbolos adinkra, que contabilizam mais de oitenta, carregam conteúdos epistemológicos simbólicos que “incorporam, preservam e transmitem aspectos da história, filosofia, valores e normas socioculturais do povo de Gana” (NASCIMENTO, 2008, p. 32). Além disso, eles contêm uma estética e idioma tradicionais.

Outra razão que agrega grande importância nesses símbolos é o fato de serem oriundos dos Povos Akan. Após o processo de seccionamento do continente africano e do consequente apagamento e distorção dos feitos das pessoas da África subsaariana, que tiveram um papel fundamental “na construção de civilizações e avanços científico-tecnológicos.” (NASCIMENTO, 2008, p. 49-50), os feitos realizados e preservados pelos Povos Akan são o que atualmente ligam o Egito clássico com a África ocidental no que diz respeito às heranças ancestrais. Isso é de extrema importância, porque propaga a matriz fundada por esses povos. É elementarmente o que as culturas africanas possuem em comum atualmente. Dessa forma, isso significa dizer que os povos do norte, centro e sul nunca deixaram de se encontrar - ainda que no deserto - desde os tempos imemoriais.

O legado africano foi preservado no ocidente e propagado para toda a diáspora africana pelos povos originários da África saariana (NASCIMENTO, 2008). Importante destacar que os Povos Akan, em função de residirem nesta região do continente e por razões geopolíticas, tiveram, por muito tempo, a visão sobre si distorcida, com um intuito similar ao que ocorreu nas terras que sofreram os processos de colonização europeia. Essa se constitui como mais uma das razões que reforçam a importância dos conhecimentos que produziram e propagaram.

Conforme observa Elisa Larkin Nascimento (2008), mesmo que os sacerdotes tenham sido expulsos do Egito em função das guerras santas, eles migraram para o Ocidente, passaram a morar nesse território e, assim, transmitiram a sua cultura erudita, dando continuidade à cultura de origem egípcia. Dito isso, é importante frisar que séculos depois após a criação de teorias racistas e antiafricanas, Cheikh Anta Diop elaborou um reenquadramento da contribuição da cultura egípcia, fornecendo outra perspectiva mais justa e crível. Portanto, a ação de voltar e buscar possui força motriz de mudança e reconstituição, elementos fundamentais para reconstrução do saber negro.

Assim como fizeram os povos Akan, os escritores negros jamais deixaram de transmitir os saberes que nos levam à matriz africana e preservam o que somos e não podemos esquecer. Essa tarefa não foi fácil e ainda segue cheia de entraves, uma vez que escritores negros da diáspora brasileira precisam driblar todas as tentativas de apagamento e silenciamento dos senhores do

Ocidente. Ainda assim, o legado negro nunca parou e segue sendo construído, de maneira espiral. A cada passo dado, chegamos um pouco mais próximo de obter mudanças efetivas na constituição do nosso ser.

TEMPO ESPIRALAR

Em seu livro *Performances do tempo espiralar*, poéticas do corpo-tela, de maneira poética e assertiva, Leda Maria Martins (2021) se debruça a respeito das mais variadas concepções de tempo, evidenciando de que maneira o pensamento ocidental se tornou o hegemônico dentre os demais, citando parte dos processos sociais e históricos. De acordo com a autora, esse domínio ideológico se consolidou porque a escrita se tornou um dos principais dispositivos de poder e validação de conhecimento. Segundo a lógica ocidental, “a linguagem escrita (especialmente na forma alfabética) representa o grau máximo de humanidade” (MARTINS, 2021, p. 26). Com o intuito de aprofundar esse viés, Leda recorre ao pensamento de Pomian:

Durante todo o século XIX, tanto os filósofos da história como os historiadores profissionais conceberam o tempo como meramente linear. [...] O tempo linear, cumulativo e irreversível é identificado com o tempo da história a tal ponto que os povos nos quais não se consegue encontrá-lo são simplesmente povos sem história, *Naturvolker*. No plano ideológico, a identificação do tempo da história com o tempo linear [...] é uma componente do eurocentrismo [...] às vezes, mesmo no âmbito europeu, ela justifica a divisão entre os povos que têm uma história e os que dela são privados; justifica o sentimento de superioridade que temos quando nos voltamos para o passado e o comparamos com o presente [...]. (POMIAN, 1993, p. 13, *apud* MARTINS, 2021, p. 21)

Leda (2021) fundamenta que esse processo gerou uma dicotomia ilusória entre o oral e escrito, sobretudo no sistema colonial. Desde então, a escrita tornou-se um veículo impositivo e instrumental para dominação de povos não brancos nos âmbitos culturais, econômicos, políticos, espirituais e de outras formas de saberes. Todavia, a autora discorre a respeito dos dispositivos de resistência que sempre estiveram presentes nas comunidades negro africanas e diaspóricas, apesar de todas as tentativas de apagamento, sobretudo da identidade de pessoas negras e indígenas.

Por meio da oralitura, os povos ancestrais conseguiram levar adiante saberes que não se restringem unicamente à forma escrita. Por meio do corpo e das inúmeras formas de inscrições e movimentos que ele é capaz de realizar, os conhecimentos são transmitidos. A fala, a dança, as inscrições de signos no corpo, assim como a relação com a natureza e a espiritualidade que nos cerca, são tecnologias que não caíram por terra, mesmo diante de todos os processos violentos aos quais os povos negros e pindorâmicos estiveram sujeitos nos últimos quinhentos séculos. Afinal, esses conhecimentos, tradições e culturas são bem anteriores à dominação colonial.

Estamos tratando de sociedades fundadoras de saberes que, de maneira acertada, não permitiram que a mancha branca varresse tudo o que são. São 200 mil anos de História. Tudo o que se apresentou possível foi passado adiante através da oralitura e encontra-se presente em nosso cotidiano através dos sentidos de tempo africano, mesmo que muitos de nós não tenhamos os aparatos acadêmicos para compreender como as tecnologias ancestrais estão presentes em nossa vida por meio da temporalidade circular, que permite que o tempo se curve e torne o passado peça chave para viver o presente.

Nesse sentido, Leda Martins (2021) defende a orientação da temporalidade através do tempo espiralar, por meio do qual a ancestralidade atuará como estrutura de presença, comunicação e radiação. Consoante a intelectual, nessa perspectiva, o tempo é fundamentado na permanência e continuidade que se manifestam através das curvas espirais que compõem essa temporalidade. Assim, de maneira simultânea, o tempo se curva para frente e para trás, em processo de prospecção e retrospectiva; de rememoração e de devir simultâneos. Por isso que, para Martins, a melhor maneira de definir a sistemática desse tempo é interpretá-lo como espiral, já que a temporalidade é curva, ao contrário da linearidade presente na visão hegemônica de tempo ocidental.

Um exemplo significativo de outro modo de inscrição dos saberes e da memória é o do povo

indígena Maxakali. Sem que recorram à escrita, considerando que somente algumas pessoas dessa comunidade indígena são letradas pela escrita alfabética, os conhecimentos são passados de geração em geração por meio da conexão com os ancestrais:

Eles nos asseguram que são visitados pelos espíritos dos mortos; uma variedade de povos, seus ancestrais, que eles denominam povo-árvore, povo-gavião, povo-morcego, povo-abelha, entre muitos outros. [...] As imagens são os ancestrais que vêm pelo sonho que lhes emprestam a morada. Os Maxakali sonham imagens que designam todos os seres e os cosmos, enfim. [...] A jornada pelo mundo das imagens é órfica: como Orfeu, cujo destino era tocar, os Maxakali devem cantar as imagens. Aquele que sonha ou que as vislumbra, sem fixá-las ou mirá-las, em seu sonho torna-se o pai ou a mãe do que sonha, numa inversão da temporalidade linear. O ancestral-imagem deve ser alimentado, resguardado. Quando aquele que sonha acorda, a imagem se torna canto e o canto, por sua vez, produz imagens em um processo contínuo de transformação e de metamorfose que o contíguo e perene. (MARTINS, 2021, p. 94)

Ademais, o corpo-tela também se apresenta como um transmissor imprescindível do legado ancestral. Através do canto, da dança, dos movimentos, das vestimentas, das representações teatrais, da pintura, etc., é possível estabelecer uma textualidade que não é necessariamente conduzida pela escrita alfabética. Nessa pluriversalidade de oralituras, não há uma hierarquia que define o que é mais relevante ou inferior; todas as textualidades são nutridas de igual importância.

Além de Leda Maria Martins, Mbiti (1969), Ronilda Ribeiro (1996), Eduardo de Oliveira (2003), Conceição Evaristo (1996; 2020) e Antonio Bispo dos Santos (2023) também irão pautar seus estudos e cosmovisões de mundo com base nas temporalidades africanas, evidenciando que nos sentidos de tempo africano, ao invés de nos depararmos com um rio que se movimenta de maneira linear, defrontamo-nos com um rio que corre em torno de si mesmo, em uma circularidade que permite um constante movimento de revisitação, que também podemos entender como o Movimento de Sankofa, com passado, presente e futuro confluindo entre si.

Dessa forma, é possível entender como o Movimento de Sankofa se manifesta nas diásporas, já que o ato de voltar e buscar ocorre de forma curvilínea, permeando todas as nuances sociais que nos envolvem. Na literatura, o nosso carro-chefe da indústria cultural, isso não é diferente. É a maneira pela qual os escritores negros de literatura afro-brasileira constroem suas obras literárias, através da performance espiralar que viabiliza o contato e reconhecimento das cosmovisões africanas. Dessa forma, conseguimos manter em circulação o nosso legado ancestral, apesar de todos os dispositivos de controle do Ocidente.

Em conformidade com a temporalidade linear europeia, seguindo a lógica de Heráclito, realizar esse movimento de retorno proposto pelo ideograma adinkra seria impraticável. Desse modo, o retorno sempre está acontecendo e sendo acessado por meio de sankofa - dispositivo circular da ancestralidade.

Isso possibilita que nós, vivendo no tempo presente, possamos acessar e nos conectar com o nosso legado por intermédio do corpo-tela. Inscrição de saber presente no falar, no cantar, nas danças, na espiritualidade, nas vestimentas e acessórios, nos ideogramas marcados na pele e, claro, por intermédio da escrita, que dentro dessa engenharia harmônica não pode ser compreendida como a única e/ou mais importante maneira de preservar a memória de um povo e passá-la adiante. Acreditamos que só será possível abranger o que constitui a literatura negra e afrodiáspórica quando levarmos em consideração boa parte desses elementos, que abordam a oralitura inserida na dinâmica dos sentidos do tempo africano.

Morena Mariah (TEMPO ESPIRALAR, 2022), em um dos episódios de seu podcast “Afrofuturo”, destaca que, dada a crescente utilização e disseminação do termo “ancestralidade” no âmbito das pesquisas acadêmicas, é plausível conjecturar que o conceito está passando por um processo de esvaziamento. Por isso, aponta a importância do pensamento de Leda Martins (2021). Por meio de sua análise da Temporalidade Espiral, Martins destaca a importância fundamental que essa abordagem tem na compreensão e aprofundamento das questões comuns que surgem quando

nos debruçamos sobre as especificidades da cultura negra. Conforme observado pela intelectual, a ancestralidade age como um conceito primordial e fundacional

tanto pode ser concebida como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano quanto pode ser vislumbrada como um canal, um meio pelo qual se esparge, por todo o cosmos, a força vital, dínamo e repositório da energia movente, a sinestesia originária sagrada, constantemente em processo de expansão e catalisação. Para muitos pensadores, entre eles Thompson e Fu-Kiau, a ideia de uma força vital institui a sophya Banto e, como reitera Aguessy, em África, diversos “níveis de existência e diferentes seres encontram-se unidos pela ‘força vital’”. Esses seres são “o Ser supremo e os seres sobrenaturais, os ancestrais, o universo material, que inclui os homens vivos, os vegetais, os minerais e os animais; e o universo mágico.” (MARTINS, 2021, p. 40)

Com o saber dessa complexidade do significado de ancestralidade realizado por Leda Maria Martins, não perdemos contato com o elo de sabedoria dos nossos mais velhos, agora ancestres.

A literatura é um dos vários meios de conexão constante com a ancestralidade encontrados pelo povo consagrado pela melanina. À medida que dispomos de profusos dispositivos ancestrais tecnológicos ao nosso alcance, graças à complexa cadeia de performances de inscrição de saberes, ao entrarmos em contato com a literaturas negras, nos conectamos com a ancestralidade e realizamos o Movimento de Sankofa por meio de uma tecnologia ancestral diferente.

Portanto, mesmo sob os ditames de um tempo ocidental que se desenvolve pela sucessividade - em produções literárias como as de escritoras negras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Lu Ain-Zaila realizam - em cada palavra grafada, esse processo de rememoração e devir simultâneos através da temporalidade curva, que as conecta com o antes, mesmo no tempo presente, e possibilita que as engrenagens da oralitura negra estejam em constante movimento. Esse deslocamento curvilíneo coloca nós, leitores, em contato com as noções de passado, presente e futuro curvados, todos se encontrando ininterruptamente, já que essa temporalidade se desdobra de maneira circular, pela episteme espiralar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrapondo a perspectiva ocidental de que o futuro do negro é incerto, no Movimento de Sankofa, o futuro é imaginado com os potentes saberes ancestrais que se contrapõem às expectativas supremacistas, nutrindo imaginários positivos. Na temporalidade africana, o futuro do negro não permanece somente no âmbito da possibilidade e, sim, como uma certeza iminente, mesmo diante do epistemicídio que está posto (CARNEIRO, 2023). Foi dessa maneira que todas as gerações negras que viveram/vivem diante das consequências do escravismo e colonialismo conseguiram construir avanços importantes que permitem que eu e outras pessoas negras possam pensar sobre esses processos e contribuir para o debate e as mudanças que podem vir a partir disso. Somente através da modificação dos nossos imaginários, especialmente aquele que o Ocidente anglo-europeu consolidou como superior e único válido, conseguiremos transformar positivamente a realidade negra. A literatura é uma das performances descritas por Leda (2021) em seus estudos que torna isso possível.

REFERÊNCIAS

ANI, Marimba. **Yurugu**: an african-centered critique of European cultural thought and behavior. New Jersey: Africa World Press Inc., 1994. Disponível em: <https://archive.org/details/yuruguafricancen0000anim/page/n675/mode/2up> Acesso em: 30 maio 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.

CIPRIANO, Nathalia Grilo. Imaginação radical negra: um fruto-mistério. Amarelo. **Revista Amarelo**, São Paulo, n. 45, 27 jun. 2023. Disponível em: <https://amarelo.com.br/2023/07/arte/imaginacao->

[radical-negra-um-fruto-misterio/](#) Acesso em: 25 maio 2024.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Sankofa**: significado desse símbolo africano. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/> Acesso em: 17 maio 2024.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em: 17 maio 2024.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado), PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996.

GLOVER, Abade. **Adinkra symbolism**. Kumasi e Acra, Gana: National Cultural Center; Geo Art Gallery, 1969.

KELLEY, Robin D. G. **Freedom Dreams**: The Black Radical Imagination. Boston: Beacon Press, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

TEMPO ESPIRALAR. Loucação de: Morena Mariah. [s.l.]. **Afrofuturo**, ago. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/49miJwSr1YrKMaEPIRSy0?si=aa375a2dbbe84af6>. Acesso em: 15 mai. 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria-RS, n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308> Acesso em: 17 maio 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MBITI, John Samuel. **African Religions and Philosophy**. London; Naiorobi; Ibadan: Heinemann, 1969.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NJERI, Aza (Viviane Moraes). Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. **Revista Ítaca**, Rio de Janeiro-RJ, n. 36, p. 164-226, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895> Acesso em: 17 maio 2024.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza, CE: L.C.R., 2003.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana. **Ensaios filosóficos**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 6-23, out. 2011. Disponível em: https://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/Ensaio_Filosoficos_Volume_IV.pdf. Acesso em: 25/08/2024.

RIBEIRO, Ronilda. **Alma Africana no Brasil**: os iorubás. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.